



ANÁTEMA E MARANATA

DESSENDANDO A VERDADEIRA CONSTRUÇÃO TEXTUAL BÍBLICA

POR: ÉZIO LUIZ PEREIRA

ESCRITOR

Em 27 de novembro de 2012

“Se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema; maranata”

(I Coríntios 16:22)

Com o fim de obter uma compreensão séria e crível do que se vem a dizer, necessário se faz um rápido retrospecto na história do tema. Perde-se, pois, na noite dos tempos a origem da escrita e de como nos chegaram os Textos Sagrados. Diz-se que os hebreus transmitiram a sua cultura de forma verbal durante longos anos, até chegarem os primeiros rudimentos da escrita, na Mesopotâmia (atual Iraque), tempo no qual Abraão recebeu o chamado do Senhor e nesse momento histórico havia um tipo de escrita cuneiforme (do latim *cuneus*, significando "cunha", como a forma desses escritos) em uso. A propósito, foram encontrados no Megido, fragmentos desses escritos, datados do século XV a.C, em criptogramas simples.

Mais adiante, no tempo dos descendentes de Jacó, como escravos no Egito, estavam em uso os complexos hieróglifos, nos quais havia uma série de tipos com figuras para imprimir significados que faziam sentido para as pessoas daquela época. Decerto, eram desenhados com pena e tinta sobre papiros, palácios, túmulos, muros e monumentos. Nesse contexto histórico, os hebreus conviveram tanto com os escritos cuneiformes, como os hieróglifos egípcios, a despeito de não serem tão versados na escrita egípcia, mercê da escravidão com a qual conviviam.

Em razão da intensidade do uso do simbolismo na escrita primitiva e essa escrita era entendida mais precisamente pelos escribas, antes da invenção do alfabeto, na Idade de Bronze (1525-1200 a.C.), iniciou-se, em Canaã, antes da chegada dos fenícios (cerca de 1200 a.C.), o desenvolvimento de uma escrita que daria início ao hebraico. Com a chegada dos fenícios, houve a produção de um conjunto mais extenso de textos usando um alfabeto rudimentar, impregnado de simbolismos, tal o alfabeto fenício, do qual surgiu, com o aprimoramento, o riquíssimo alfabeto hebraico, composto da seguinte sequência de vinte e duas letras, consoantes (transliterado para o português): "álef, bet, guímel, dálet, hê, waw, záin, het, tet, yod, kaf, lámed, mem, nun, sámek, áin, pê, tsade, qof, resh, sin (shin) e taw".

Não há vogais, pois as "vogais" eram apenas pronunciadas; não escritas. Havia, pois, uma aglutinação de consoantes escritas com sons vocálicos, produzindo o sentido dos textos. Com efeito, as vogais são sinais escritos sob, sobre e ao lado das letras, conhecidos como sinais diacríticos, daí porque, para se ler um texto em hebraico, o leitor terá que conhecer, de antemão, a palavra que se pretende ler. Pontos e traços comunicam as vogais do português somados à pronúncias.



Com efeito, há um grupo de idiomas derivados denominado "semítico ocidental" ("semítico" porque derivado de "Sem", um filho de Noé), dentro do qual se encontra o hebraico, o fenício (e o ugarítico) e o aramaico. Entrementes, o hebraico, tanto quanto o aramaico, é bastante atípico, pois os sons alteram o que está escrito, de maneira que a pronúncia altera todo o sentido do escrito. Tome-se, pois, em português, o grupo: "dst", poderia ser lido como: "deserto" ou "distante", dependendo da pronúncia.

É aqui que ocorre confusão amiúde na interpretação do sentido dos vocábulos, e muitos "engolem" o que é repassado, sem questionar a verdade. À sombra desse raciocínio, a palavra "anátema" é de origem grega e o vocábulo "maranata" se origina do aramaico com uma tentativa de "tradução" para o grego e posteriormente para o alemão, com Lutero, e, a partir daí, para outros idiomas. Nesse quadro, a verdadeira origem foi distorcida e perdida no tempo. Não se há de olvidar de que "traduzir" e "transliterar" são mecanismos distintos. Traduzir constitui uma forma de adequar o idioma original para outro que se pretende ler, e transliterar constitui uma maneira de transplantar as letras do original para o idioma que se pretende ler. Não se confundem. Deveras, o hebraico, a rigor, não se traduz com precisão, pois a ênfase do som original altera o sentido.

Sem embargo do que foi dito, o hebraico se escreve da direita para a esquerda, ao contrário do idioma português e da maioria das línguas dos povos, de maneira que escrever "deserto" ou "distante", ter-se-ia, aproximadamente, transliterado: "tsd" (não "dst"), para se ler o contrário. Assim é que, todos os livros do Antigo Testamento foram escritos originariamente em hebraico, com exceção de alguns poucos trechos em aramaico. Contudo, o idioma, ao longo da história, sofreu sensível alteração. Basta, tomando o português como exemplo, ler, no original português, a carta de Pero Vaz de Caminha e não se entenderá o português como hoje se lê, mercê da alteração sofrida no português, pela ação do tempo. Veja que o Antigo Testamento foi escrito num período de mil anos e há muito tempo e a carta de Pero Vaz de Caminha foi escrita, num curto espaço, há quinhentos anos. Isso sem contar com os rudimentos antigos e alterações posteriores. Isso implica num repensamento para um bom entendimento.

A par da dificuldade de atualização do idioma, com o auxílio, da arqueologia, houve uma perseverança e uma constante impressionante no transporte do Texto Sagrado para o nosso tempo, com poucas variações do Antigo Testamento. É verdade que alguns nomes de lugares foram alterados posteriormente e talvez de pessoas, mas o fato se conservou pela tradição. Deve ser dito que a partir do século quinto a.C. os israelitas abandonaram o idioma hebraico e passaram a falar o aramaico, a língua dos conquistadores persas, de maneira que o hebraico passou a ser usado apenas para a adoração a Jeová e na Escritura Sagrada, daí ter conservado bastante, sem alterações posteriores significativas. Afinal, quando se utiliza um idioma, em conversas, ele fica suscetível a alterações com o dia-a-dia. Isso não ocorreu com o hebraico, depois do uso do aramaico. Como por um milagre, o único texto que foi conservado no hebraico, de forma razoável, até os dias atuais foi o Texto das Sagradas Escrituras.

Todavia, há livros mencionados na bíblia que foram perdidos, tais como: "Livro das Batalhas do Senhor" (mencionado em Números 21:14), "Livro do Justo" (mencionado em Josué 10:13 e II Samuel 1:18); "Histórias de Salomão" (mencionado em I Reis " 11:41), "História dos Reis de Israel" (mencionado em I Reis 14:19 e mais outras referências), "Crônicas do Profeta Samuel" (mencionado em I Crônicas 29:29) e outras dezenas de importantes livros perdidos.

Num período de duzentos anos os judeus (os hebreus que vieram de Judá) viveram sob o domínio dos persas, no período em que Ciro venceu os babilônios até Alexandre, o Grande, conquistar o Império Persa. Foi assim que o helenismo ganhou vulto e o idioma grego passou a ser



difundido, de maneira que os judeus dispersos (da diáspora) não conseguiram ler mais as suas escrituras, em hebraico, o que reclamou uma urgente tradução para o grego, feita no terceiro século a. C. Assim, surgiu a primeira tradução da Bíblia. Acrescente-se que a tradução da bíblia para o latim, denominou-se "Vulgata".

Sob esse viés, Ptolomeu, general importante de Alexandre, o Grande, pediu que viessem estudiosos, seis representantes de cada uma das doze tribos israelitas, num total de setenta e dois homens, com o intuito de traduzir a Torá (para nós "Pentateuco") do hebraico para o grego, a fim de ser compreendida e foram encaminhados para uma ilha no Mar Mediterrâneo. Essa tradução foi feita também em setenta e dois dias. Assim., essa tradução por "setenta" homens ficou conhecida como "Septuaginta", que é a versão grega padrão das Escrituras Judaicas. Nesse contexto, o Antigo Testamento foi escrito originariamente no hebraico, com textos em aramaico e o Novo Testamento originariamente no grego com algumas expressões em aramaico com tradução para o grego, dentre as quais o vocábulo "maranata". Pois bem. Sem mergulhar muito a fundo no escorço histórico, em singelo resumo, passemos a analisar os dois vocábulos no paralelismo paulino.

"*Anathema*", vocábulo grego, originalmente significa "algo depositado", num lugar sagrado ofertado a uma divindade grega, portanto aquilo depositado ficava destruído, o que gerou um outro sentido pejorativo, tal seja "maldito" e nos dias do Novo Testamento, o sentido era de "maldito". Portanto, num primeiro momento, Paulo lança um solene adjetivo em quem não ama ao Senhor Jesus. Não há dúvida na tradução grega da palavra "anátema", como "maldito" ou "amaldiçoado". Nesse sentido, Paulo revela o seu amor incondicional ao Messias, Ungido de Deus, Cristo Jesus. Deveras, o problema se inicia quanto ao entendimento do segundo vocábulo, cujo teor revela uma dualidade de significados, conforme melhores textos interpretativos.

O que se vem a dizer, nesta singela investigação bíblica, é que há duas correntes que se divergem quanto ao significado da expressão e essas correntes caminham em sentido diametralmente opostos. Numa primeira corrente, há uma "transliteração" (não "tradução"), na qual se observa uma aglutinação de termos, envolvendo partículas, da seguinte forma: "mar", traz o sentido de "Senhor", acrescentado da partícula "an" ou "ana", sinalizando o pronome possessivo "Nosso", portanto ter-se-ia: "Nosso Senhor". No final do vocábulo, tem-se o verbo "atha", que significa "vir" ou "veio" ou "virá". É possível que o sentido traz a carga de imperatividade: "Senhor Nosso, vem", como em Apocalipse: "Vem, Senhor Jesus". Contudo, a expressão, no original, não contém o nome de Jesus, de maneira que teríamos: "O Senhor vem" ou, historicamente: "O rei vem", pois era um brado que os habitantes de um povoado exclamava quando o rei voltava de suas batalhas e isso foi aplicado para o Senhor Jesus.

Há um outro sentido, pouco conhecido, mas de intensa veracidade, como uma segunda possibilidade de interpretação de sentido e é aqui que este texto pretende revelar, tal seja o segundo sentido e o trago na escrita original. Temos, com a escrita original, então: "*Mara*" ou "*Mará*" (מר) = "Amarga", acrescida do sufixo "ata" ou "atá" (התא) = "você" (no masculino). Segundo essa versão - tanto veraz quanto a primeira - teríamos: "amargo seja você" ou "esteja você em amargura". Nesse sentido, Paulo teria dito: "Quem não ama ao Messias, seja maldito e esteja em grande amargura" ou "Quem não ama ao Messias, seja amaldiçoado e seja ele amargo". O que faz bastante sentido dentro do contexto da frase. Não podemos descartar nenhuma das duas versões. Tudo vai depender da pronúncia com a qual se verbaliza o termo no original aramaico. Esse segundo sentido, aliás, será vivido por aqueles que não forem arrebatados, pois estarão em grande amargura.

Mas não é só. O brado "maranata", seja ele na primeira versão, seja ele na segunda versão, é efêmero, dito de melhor forma: é um brado passageiro, finito e temporário. E por quê é



temporário? Porque ele tem um início e um fim, com um "prazo de validade". O brado, para a igreja de Cristo, tem início no pentecoste neotestamentário, com a igreja primitiva e tem um fim, pois que ele se consumará quando Cristo voltar. Nesse sentido que se diz que o brado tem o sentido de baixo para cima, pois surge no coração humano e parte para a eternidade.

Na sequência temática, após a segunda vinda do Cordeiro de Deus, o brado "maranata" perderá o seu sentido. Explico. É que, com a igreja já nas mansões celestiais, não haverá sentido bradar: "O Senhor vem", pois Ele já terá vindo. Então, o grito cessará. Logo, o referido brado é um meio; não um fim em si, pois sendo ele passageiro e terreno, cessará com o advento da segunda aparição do Senhor Jesus. O brado que é eterno e nunca se calará, notadamente porque parte de cima, como um comando eterno, passa pela história humana e retorna para a eternidade, é: "Adorai-O" e "Louvai-O". Esse grito esteve presente desde a eternidade, antes da criação, passa pelo tempo humano e se eternizará, pois a adoração e o louvor não cessarão, daí porque a Bíblia enfatiza a adoração com o louvor. Esse brado é eterno. Que O Deu Eterno, Altíssimo e Senhor nos abençoe na compreensão da verdade bíblica. Glórias ao Todo-Poderoso.

Sobre o autor:

ÉZIO LUIZ PEREIRA

Juiz de Direito – ES

Doutor em Teologia (ênfase em Soteriologia) pela Fatef/RJ

Mestre em Teologia (ênfase em Bibliologia) pelo SBT e – MG

Membro de igreja evangélica na linha protestante

Mestre em Direito das Relações Privadas pela FDC – RJ

Especialista em Direito Constitucional pela Consultime - ES

Membro da Academia Brasileira de Mestres e Educadores

Membro da Academia Cachoeirense de Letras

Practitioner em Programação Neurolingüística pelo INDESP

Palestrante, professor, articulista e escritor

Autor de quatorze obras literárias publicadas

Ex-procurador da Caixa Econômica Federal

Site: www.ezioluiz.com.br

celeiros.df@gmail.com